

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis— Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 139

SEXTA-FEIRA 31 DE OUTUBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

O estado em que se acha ha dias a barra desta cidade tem espalhado na população certo desgosto. e causado a muita gente não pequena inquietação. Não é isto para extranhar porque a barra a todos interessa, é della que depende o nosso futuro, a fortuna de muitos de nós, e toda a prosperidade possível desta terra. Pela nossa parte, o que extranhamos é que algumas vezes se não attenda ao que lhe diz respeito com a sincera dedicação que a todos deve merecer.

O estado a que alludimos, effectivamente apresentou-se debaixo de mau aspecto nos primeiros dias desta semana. Uma quadra de mar bravo, mais aturada do que é costume nesta parte do anno, produziu uma agglomeração d'areias no canal, que quasi impedia a entrada das embarcações mais ligeiras, e dez vellas pairavam no domingo sobre a barra, sem que a corporação dos pilotos ouzasse chamal-as, na incerteza de poderem sem risco transpôr os baixos recentemente formados.

A gravidade desta situação diminua, porem, bem consideradas as causas que a produzião, e que a experiencia tem demonstrado em circumstancias analogas ás actuaes. Sempre que o mar se apresenta mais proceloso, e durante maior numero de dias, as areias, que revolve e traz em suspensão, veem depositar-se na entrada dos portos, onde as aguas dos rios se encontram com as vagas, ou no lugar que os praticos denominam, com alguma propriedade: o espalhado. Ali se formam por este modo bancos d'areia que difficultam ás vezes seriamente a navegação, e que só desaparecem de todo quando nova quadra de mar bonançoso permite á corrente do rio operar o seu benéfico influxo.

Não é isto phenomeno particular á nossa barra, antes é commum a todas as outras de identica natureza. Pode afirmar-se que os mesmos mares alteros que aqui influenciaram tão prejudicialmente, não podiam ser indifferentes ás barras da Figueira e Vianna, igualmente d'areia, e onde haviam de dar-se sem duvida maiores ou menores variantes na sua profundidade e direcção segundo as circumstancias especiaes da occasião.

A falta d'aguas pluvias, que, em outras estações tanto engrossam a corrente de todos os rios, tornou agora mais saliente o effecto das causas já apontadas. E' obvio que se a corrente da barra tivesse a força impulsiva, que tem por essa razão em alguns mezes do anno, o depósito das areias não poderia formar-se, pelo menos em tal volume que obstruisse o canal. E por esta razão é que de hinverno não são as barras d'areia tão prejudicadas pela braveza do mar.

Actualmente começam a ensaiar-se algumas obras com o fim de dar á corrente do Vouga maior volume e impulso, juntando-lhe as aguas que até aqui iam lançar-se no oceano pela barreira da Vagueira. Taes são as comportas que o sr. director da obras publicas mandou construir no paredão da cambaia, e das quaes se esperam os mais proficuos resultados para a barra.

Alguem quer attribuir a terem começado

já a funcionar esta semana algumas d'essas comportas o sensível melhoramento que a barra tem tido desde ante-hontem. E' certo que as embarcações que estavam fora da barra puderam entrar, e que a sonda dos pilotos tem achado successivamente mais profundidade ao canal.

Em barras cujo fundo é d'areia, não é possível deixal-as á mercê da natureza, nem prival-as de certos melhoramentos que contribuem para fixar as suas boas condições. Com relação a este porto sabe toda a gente ali o que tem havido. Por muitos annos a inepecia e o desmazelo apoderaram-se da direcção dos trabalhos, e consumiram sommas fabulosas improdutiivamente. Ha apenas trez ou quatro annos que ali começam a sentir-se os effectos de uma boa administração. No entretanto nem tem podido dar-se aos trabalhos o desenvolvimento conveniente, pela falta dos fundos necessarios, nem a successão d'outros negocios extranhos e as vezes impertinentes, tem permitido applicar-se-lhe toda a presistencia que era precisa.

O sr. director das obras publicas confia muito no resultado das comportas da cambaia, e realmente é facil de conceber que o grande augmento d'aguas que por ellas provém á caldeira da barra, deva influir nas correntes della. Alem d'isso projecta, segundo nos consta, outras obras, taes como o prolongamento de um dos redentes da costa de S. Jacintho, a fim de simultaneamente com aquella corrente destruir a restinga que hoje existe proximo ao castello.

Obras hydraulicas mais se avaliam pelo resultado do que por calculos anticipados; estas, porém, tem por si as mais claras razões de conveniencia, mostram intuitivamente as suas vantagens. Fazemos votos por que não sejamos illudidos todos na nossa expectativa, porque estas crises, produzidas pelas variantes do canal, são deploraveis, e o commercio nunca deixa de ressentir-se d'ellas, embora sejam, como realmente são, essencialmente transitorias.

Esperamos voltar ao assumpto, que é, repetitivos, um dos que a todos os filhos d'esta terra mais particularmente interessa.

A. P.

Deparamos hoje com dois curiosissimos documentos para a historia, em um dos ultimos numeros do nosso antigo e ha muito deslembreado collega do Bem Publico. São nada menos que a supplica feita por alguns compradores de bens das freiras, nesta cidade, para lhes ser concedida a absolvição pontificia, e a solução vinda de Roma.

Não queremos privar o publico da leitura d'elles, mesmo porque podem interessar-lhe particularmente.

Eis a versão portugueza dada pelo proprio Bem Publico:

«Beatissimo Padre.—F. e F. F. da diocese de Aveiro, compraram bens pertencentes ao mosteiro das religiosas de S. Domingos, na cidade de Aveiro, por ignorarem as leis canonicas que prohibem esta alienação. Agora que o sabem, para tranquillidade de sua consciencia, prostrados aos pés de Vossa Santidade humildemente pedem

fossem senão costas temporarias, tirassem vultas as difficuldades.

Velhaco emporio das letras, centro commercial d'instrução, espoliador mercado da sciencia, vexatoria alfandega da nossa carreira litteraria recebe (entre parenthesis) a maldição, que agora aqui no meio do oceano em face da magestade dos mares e dos céus te lançou do fundo de toda a minha sincera antipathia!

Vencidas algumas daquellas difficuldades mais particulares, as ultiores diligencias n'este intuito começaram com a actividade, que se cre.

Obter passagem na mala-posta, á falta d'outro meio de transporte, era a condição sine qua non da minha antelada partida. Tratei de lhe fazer juz pela compra do competente bilhete, mas a acanhada capacidade de tal vehiculo recusava-se a admitir-me! Estava pois a primeira porta já fechada aos meus desejos de ir abraçar a familia, começava mais sensivelmente a serie de adversidades, que na sua contumacia pareceram formar deste passeio um tal systema de contradicções que só desta singularidade ha de tirar interesse á sua descripção!

Em concorrência comigo na mesma pretensão, e todos com mais direitos que eu pelas suas prevenções, achava-se um grande numero de pessoas, que me convidavam violentissimamente a uma desagradavel renuncia!

benigna sanção a fim de poderem ser absolvidos por qualquer sacerdote legitimamente approved, e deste modo satisficam ao preceito da quaresma — E Deus.—»

«A Sagrada Penitenciaria, por benigna annuncia do SS.ºm Senhor nosso e Papa Pio 9.º, concede ao amado em Christo proprio ordinario dos requerentes a facultade de absolver esta vez por auctoridade apostolica, por si, ou por confessor auctorisado, os mesmos requerentes, depois de terem restituído ao predito mosteiro os bens de que trata a sua supplica, e não antes d'isso nem de outra sorte, das censuras e penas ecclesiasticas em que de algum modo estão incursos pelo precedente, na forma costumada na Igreja; dando-lhes sufficiente e salutar penitencia, e o mais que de direito se deve accrescentar. Dado em Roma na Sagrada Penitenciaria, aos 25 dias de Setembro de 1862.»

Tinha-se por ali dito que os compradores dos bens das freiras a quem nesta cidade se negara a absolvição tinham sido absolvidos, mas agora vemos que é falso, e que pelo menos para alguns, se pediu para Roma o respectivo indulto!

Não sabemos aqui o que havemos de admirar mais. O negocio actualmente está complicado. Não são já só os nossos padres que desconhecem ao governo o direito de vender os bens das freiras: é a propria Penitenciaria de Roma que se insurge contra elle, mandando que os compradores restituam o que indevidamente compraram, sem o que não poderão ser absolvidos!

Isto é notavel, mas ainda o é mais que só em Aveiro, onde se venderam relativamente umas insignificancias, apparecessem estes escrupulos, estas soluções casuisticas, ao passo que em todo o reino ninguem mais fallou em tal! E no Alemtejo ha uma corporação religiosa que já recebeu setecentos contos em inscripções, producto da venda de bens que lhe pertenciam! E no proprio districto de Lisboa, onde escrevem o Bem Publico e a Nação, ha mais do que uma que tenha recebido cem contos e mais da mesma procedencia!

Muita gente escrupulosa ha nesta nossa boa terra, louvores a Deus, e graças a alguns santarões do nosso conhecimento!

Mas vamos ao caso. A resolução da Penitenciaria é clara. Quem comprou bens das freiras está fora da communhão dos fieis. Precisa restituir. Restituir como? Restituir a quem? Evidentemente aos conventos, aos quaes os bens foram usurpados, segundo a linguagem dos casuistas. Logo ficam estas corporações possuidoras ao mesmo tempo das propriedades e do seu producto.

Admiravel!

Nós estamos a ver nisto uma notavel especulação, que se pode explicar por dois modos: ou pela remoção dos pretendentes a futuras arrematações; ou pelo interesse immediato de certos confrarias, e para certos fins. Nós ficamos já d'atalaia para, que se não façam ali novas victimas, e podem contar que havemos de desiludir os incautos!

Para que senão suscitem duvidas, o nosso collega

Eu tinha-me descuidado de me inscrever com anticipação, para ter juz á preferencia na minha prioridade, e via o castigo da minha negligencia neste caso triste, que me forçava daesistir do meu passeio á Madeira! Não havia já outras esperanças, quando o genio da trapaça me suggeriu, ou a meu irmão, que m'o communicou, um estratagemam feliz, que aliás a boa fortuna das circumstancias favoreceu por tal arte, que pôde ser plenamente illudida a justiça, e embasbacada a espectação circumstante! Todos tinham ouvido as nossas queixas e lamurias, e com espanto de todos em menos de meia hora abandonamos á sua desesperação muito satisfeitos com nossos bilhetes, (eu e meu irmão) aquella gente, de quem ainda ha pouco haviamos sido socios nas collicas, a que o melhor direito delles dava menor razão!

Ora o ardil, que produziu tão bons resultados, parece ser grande coisa, e todavia é tão insignificante, como havermos nós ambos feito passar as nossas pessoas pelas de dois individuos, que por um acaso nunca visto faltaram naquella dia á chamada dos inscriptos! Foi cousa extraordinaria, mas que surtiu tão bom effecto, que d'ahi por uma hora, passado, é verdade, não pequeno transe de duvidas, incertezas, e receios de supervenientes reclamações, o rodar do carro nos certificava, que já estavamos campêa de Lisboa

do Bem Publico, que, como sabem, é entendido em casos de consciencia, affirma que, em vista da resolução da Sagrada Penitenciaria, «quem comprou bens da Igreja tem diante de Deus e da Igreja a mesma responsabilidade que tem, entre particulares, quem compra um objecto que sabe ter sido subtrahido ou arrancado a seu dono. Deve restituí-lo ao dono para poder ser absolvido.»

Portanto fiquem entendendo bem todos os compradores de bens das freiras (pensamos que a cousa não deve ser só com os d'Aveiro) que não podem ser absolvidos, sem restituírem. Vão-se preparando para isso!

O Bem Publico alude tambem aos bens dos frades, e pede «que se procure examinar com cuidado o estado em que se acham as familias dos que compraram esses bens.» Isto é com tenção de provar que o roubado nunca luz, não é assim? Tem razão, collega. Vá continuando por esse caminho, que vai bem! E' assim que se insinua a intriga, o mexerico, a bisbolhetice, em que vivem, e folgam, por amor do proximo, os devotos milagreiros da sua politica.

Veja o Bem Publico se faz com «que os catholicos reconheçam que ha um grande peccado na compra de taes bens;»—se consegue «que os confessores tomem por regra certa esta doutrina (a do collega),» porque dá um grande passo. Mas tome tambem cuidado: com estes manejos hypocritas pode conduzir-se o povo ao cego fanatismo, que é todo o alvo delles e das suas ideias politicas; mas tambem é possível precipital-o na indifferença do sentimento religioso. Este é o precipicio opposto aos fins da reacção, e permita Deus que a liberdade consiga salvar a Europa d'um e d'outros.

A. P.

Publicamos no lugar competente uma nova correspondencia de Cucujães sobre o traçado da estrada de Ovar a Oliveira d'Assemeis. O correspondente continua a insistir na conveniencia de se optar pelo traçado do norte, apoiando-se em parte nas razões expostas na sua anterior correspondencia.

Esperamos voltar a este assumpto logo que se trate definitivamente resolver sobre os dois traçados, limitando-nos por em quanto a asseverar ao correspondente, cuja cortesia nos obriga a toda a deferencia, que a planta que temos em nosso poder abraçe effectivamente o traçado do norte, e o do sul, e nos habilite com as demais informações que possuimos a continuar a sustentar a nossa opinião.

A. P.

A imprensa da capital dá conta da elevação do sr. conde de Santa Maria, ao posto de marechal do exercito. Esta promoção inconveniente e desnecessaria, custa annualmente ao thesouro cousa de seis contos de réis, porque a gratificação correspondente ao posto de marechal do exercito é de 480\$000 réis mensaes, não fallando já na despeza resultante do luxuoso estado maior que, segundo as leis da hierarchia militar lhe compete!

livres de todo o perigo, em pleno gozo da nossa feliz situação!

A imagem grutesca do lesado pela minha desautorada representação, intimando-me no augue de toda a sua irritabilidade á restitução de seus direitos, por mim subrepticiorianamente havidos, ia-se-me representando na phantasia, mais para refinar o prazer de lhe haver escapado, do que como aviação do remorso! e todavia, que prejuizo lhe não causaria eu! no entretanto sibi imputet, ao seu descuido o deve.

Estava eu pois, como te disse, no doce certificado, de que me tinha subtrahido ao suplicio de ficar por mais tempo em Coimbra, e era quando eu deixava a traz nas costas o desterro, a que nos prendem as algemas do estudo!

Gratas cogitações me iam então nascendo no conceito! umas derivadas dos successos passados já, outras hauridas de futuras situações! O successivo afastar-me de Coimbra mergulhava-me em um pelago de pensamentos queridos, porque cada passo me aproximava do meu destino, e o meu destino era ir-me lançar nos braços da familia, no generoso seio de meus paes! Mas ainda não era só isso.

Arrebatam-me nos affectos domesticos já era bastante; mas eu fazia-lhe accrescer uns topos de outra poesia. Figurava-me no meio do oceano, em face d'um céu e mar sem termo, embalado

Bem nos parece a nós que não é possível neste paiz comprehender-se a palavra economia. O estado a lutar com difficuldades pecuniarias, obrigado a despezas, de que não pode eximir-se; o povo a queixar-se de que não pode pagar o que paga, e os homens de senso empregando todos os esforços para o persuadiram suavemente a que precisa ainda pagar mais, para ter os melhoramentos publicos de que carece; o governo, as camaras, a imprensa, toda a gente a proclamar e a prometter economias, e afinal criam-se nichos sumptuosos, augmenta-se a despeza com verbas inuteis e absurdas, e desbarata-se a mãos cheias o dinheiro do povo!

Estamos quasi desesperados de encontrar uma administração economica! Poderemos talvez exigir-lhe todas as qualidades menos essa. Se se trata ainda de fazer uma pequena economia, de supprimir um insignificante lugar d'amanuense de secretaria, ainda pode esperar-se resultado. Se é cousa importante, luxuosa, que dê na vista, é inutil tentalo. Não se cerejeia; amplia-se.

Como querem assim que não haja murmurios no contribuinte? É impossivel. Elle paga para que haja administração bem montada, e facil nos seus processos; para ter segurança na sua pessoa, e nas suas propriedades; para gosar dos melhoramentos publicos que a epocha reclama. Não paga para subscrever a desperdicios. Tem razão.

Não precisamos demonstrar que a graça feita ao sr. conde de Santa Maria é tão inconveniente como despreziva. Um paiz que não tem exercito a crear logares de marechal! Marechales para commandar a quem? Entre nós houve dois que, por graça especial do sr. D. Pedro IV, de saudosa memoria, foram providos nos srs. duques da Terceira e de Saldanha. Falleceu o primeiro; o logar não ficou vago, ficou extinto. E que não fosse assim, que assignalado serviço recomendou s. ex.ª a real munificencia?

Dizem que na marinha se vae crear uma semelhante prebenda! Não se contentam com o que já vae por lá!... Sonham ainda com novas e sumptuosas categorias, para concederem novas e pingues gratificações!

Não dêem ao povo o espectáculo immoral destas depredações ruinosas. Não queiram que elle tenha razão quando lhe nega os meios de governar. Para ter a força moral, precisa para obrigar o contribuinte a pagar as suas collectas, para que este as pague de boa vontade e sem constrangimento, é indispensavel que elle tenha a consciencia de que o seu dinheiro não corre para uma fonte desviada, e que não vae escoar-se em sumidouros tenebrosos. Não continuem por esse caminho, que se perdem!

A. P.

Começamos hoje a transcrever do *Jornal do Commercio*, o excellente relatório sobre a industria mineira do sr. inspector geral das minas, João Maria Leitão; e tambem transcrevemos o pequeno artigo do mesmo jornal, que o precede, e no qual esta obra de tanto merecimento é devidamente avaliada.

A Industria Mineira em Portugal

«N'esta azafama de divertimentos, de toda a especie, tem naturalmente passado inapercebido um dos melhores trabalhos que ultimamente se tem produzido em Portugal. Julgamos do nosso dever faz-lo conhecido dos leitores do *Jornal do Commercio*. É o relatório do Inspector Geral das Minas do Reino sobre o estado da industria mineira em Portugal no anno 1860-1861.

Num estylo substancial e agradável, como raras vezes são escriptos os relatórios, mostra o Inspector Geral das Minas, o que realmente se tem feito, o que está por fazer, o que é permittido esperar na laboração das minas portuguezas. Reservamos, para quando tivermos publicado todo o seu excellente trabalho, as reflexões que elle nos suggera a respeito do esperancoso futuro da industria mineira em Portugal, e das medidas desassombradas e energicas, de que ella carece para que as esperanças não fiquem mallogradas.

No entretanto não podemos deixar de notar

pelos hymnos mudos da solidão, e delectava-me n'isto! depois abordado a uma ilha, que eu cobria d'encantos, antegostava as auras d'esse clima benéfico, preconizado como o ultimo lenitivo dos physicos, extremo refugio destes desesperados da vida!

Vê tu se eu deverei ir ou não satisfeito!

A intermeiar-se, é verdade, com estas ficções vinha a saudade dos amigos, que ficavam, mas essa ia eu attenuando pela consideração, que me fazia, de que não seria a ausencia larga, que em breve lhe cabiria outra vez nos braços em todo o transporte desta expansiva affeição da mocidade?

Isto tinha, está-se vendo, um pouco daquellas preocupações, de que te fallei em começo desta carta; mas em fim de tudo, quem uma vez não foi presa d'illusões?

Ha mais que um dia dellas na vida, que a verdade dissipou para instrução da inexperiencia. Revocado, não sei porque mysteriosas forças do céu, aquelle que ainda ha pouco protestou contra os enganos do espirito, eleva-se á respiração dos auras delles, e vive a vida enganadora das crencas! mas ai d'aquelle que uma gélida philosophia lançou na inacessibilidade d'esses generosos estimulos, que o espera a morte no scepticismo.

Aquellas phantasias, em que me ia entre-

desde já a fertillissima ideia do Inspector Geral, muito sua, de pôr em cultura a bravia urze. Resulta, incontestavelmente, das suas valiosissimas experiencias, que a urze cultivada seria, para muitos terrenos do nosso paiz susceptiveis de vir a produzir mais importantes materias-primarias, a melhor transição possível;—para muitos dos que não são susceptiveis senão da cultura do pinheiro, o melhor estado definitivo. A urze é um combustível de primeira ordem, e que se reproduz facil e promptamente — economicamente. A importancia d'este facto sóbe de ponto, se, como nos dizem, a existencia da matta real da Marinha Grande se acha ameaçada por contractos feitos á ligeira pela burocracia.

Es o magistral relatório do sr. João Maria Leitão:

Para avaliar devidamente o estado em que se encontra a industria mineira em Portugal, é mister lançar um pouco a vista para o passado.

Não ha muitos annos que a nossa mineração estava reduzida a uma só lavra, a de carvão de S. Pedro da Cova, e essa mesma era devida a circumstancias excepcionaes n'este paiz. Nas estatisticas mineiras, ou não figurava Portugal, ou quando muito, faziam-lhe a honra de um ponto de interrogação, que ficava sem resposta.

O celebre Karsten, fallando da nossa riqueza mineira, dizia com lastima em 1832: «Os ricos depositos minerais d'esta infeliz nação parecem reservados para um porvir melhor.»

Já de ha muito se sabe que Portugal é rico em minas, tendo sido algumas d'ellas exploradas nos tempos modernos, e muitas lavradas pelos antigos conquistadores. Para demonstrar esta verdade seria inutil recorrer aos textos latinos, gregos e hebraicos.

Sobre esse objecto já sabemos mais que o mesmo Plinio. Os numerosos fojos e galerias que atravessam as nossas montanhas, e as escorias que apparecem amontoadas á superficie, ou que enterradas o arado descobre muitas vezes, são paginas mais eloquentes e sobretudo mais dignas de fé que as do naturalista romano.

Estes vestigios do passado têm dado logar a varias tentativas de exploração, cujos resultados uteis se reduziram a tornar mais patentes as nossas riquezas minerais e a fazer conhecer por experiencia os embaraços que impediam o seu aproveitamento.

Trez são as épocas memoraveis da historia moderna das nossas minas. A primeira começa com a restauração de Portugal e distingue-se pelo ferro; o que não admira porque este metal o primeiro na paz, é tambem o primeiro na guerra. A esta seguiu-se, um seculo depois, a crusada mineira do infeliz Sant'Iago que tendo empreendido trabalhos de minas e fundições em todas as provincias simultaneamente, acabou por ser metido n'uma prisão. Este acontecimento não fez senão accelerar uma ruina segura: não podia haver capitães capazes de levar a cabo um commettimento tão colossal. Era o mesmo que tentar com hordas selvagens a conquista de um paiz erigido de fortalezas. Os muros resistiriam facilmente ás settas de pau tostado. D'esta época ficou em pé um monumento que a pinta ao vivo: uma fornada de gesso meio cosido.

O terceiro periodo começou no principio d'este seculo e concluiu em 1836. Este ultimo ensaio, tenaz e duradouro, porque era á custa do estado, honra-se principalmente com o carvão de S. Pedro da Cova. Este mineral modesto foi o unico que sobreviveu a tão encarniçadas luctas. Ficou senhor do campo de batalha em que o ouro da Adiga fulgurou tanto, e deveu a victoria, ao seu valor sem duvida, mas sobretudo á sua posição que domina um tributario fiel, generoso apreciador das suas qualidades.

Por que tamanhos sacrificios, para tão deminutos resultados?

É que a industria mineira não depende só dos conhecimentos adquiridos acerca da existencia dos minerais pela simples apparição dos jazigos á superficie. Estes conhecimentos, indispensaveis mas não sufficientes, precedem quasi sempre de longe o seu aproveitamento; porque entre a descoberta e a lavra medeiam obstaculos numerosos e de grande monta, que a cubica ou

tendo, fui, passados poucos minutos de viagem, brutalmente roubado por uma interpellação, que pelos modos me pareceu castelhana na origem.

Ao entrar para a mala-posta tinha eu feito reparo em dois typos, que já lá estavam muito bem sentados ao lado um do outro, e que, para te fallar com verdade, me mereceram tão pouca sympathia, que não dilatei os meus cumprimentos além d'uma abanadella de cabeça.

Como quem fosse só, pois, ia eu entregue ás descripções caprichosas do espirito, e, ou fosse, porque o tal aspecto de castelhana audacia me tivesse anticipado em desfavor seu, é certo, que interrogado naquella occasião por um delles sobre a qualidade da minha pessoa, me puz logo e tão mau humor, que estive a ponto de fazer, que não entendia o seu portuguez mascavado. No entretanto respondi com urbanidade, que era effectivamente — *estudiante* —; mas a descortezia e a pouca delicadeza da intuição intinativa, dada á pergunta, poz me de reserva, protestando de mudar de maneiras e largar cortezias, e mais considerações, se, como bem futurei, ella fosse preludio de mais e maiores grosserias.

É verdade, que me lembrou, que me achava em face de circumstancias extraordinarias, tratava, segundo estava vendo, com estrangeiros, e a delicadeza, que nestes casos até o direito das gentes obriga, é tão conforme, tão natural e es-

o entusiasmo não deixam ver muitas vezes, e que não se arrostan impunemente quando não se está preparado para o combate, ou quando as forças contrarias são realmente invenciveis.

Não basta conhecer a existencia dos depositos minerais; é preciso assegurar-se da sua riqueza; e esta segurança não se obtém, na maior parte dos casos, senão por meio de trabalhos difficeis, cujos gastos e exito não se podem fixar de antemão. É um calculo de probabilidades, cujos elementos complicados exigem muita experiencia e circumspecção. A terra não deixa rasgar o seu duro seio, para penetrar até aos seus occultos thesouros, senão áquelles que levam o condão da força e da perseverança, precedido do pharol da intelligencia.»

(Continua.)

TRIBUNAES

RELAÇÃO DO PORTO

Na sessão do tribunal da Relação de 27 do corrente, assignou-se o dia 3 de novembro, para o julgamento das seguintes causas:

Aggravos

Arganil.—O ministerio publico com o juiz de direito.

Penafiel.—O ministerio publico com D. Miguel Vaz Guedes Ataíde Malafina.

Coimbra.—O ministerio publico com o juiz de direito.

Chaves.—Rosalia Maria com Antonio Felizardo de Sousa.

Santo Thyrsó.—Narcisa Rosa com o ministerio publico.

Na mesma sessão foram distribuidas as seguintes causas:

Appellações civis

Feira.—Anna d'Oliveira Godinho e marido com Rosa d'Oliveira Godinho; juiz Lima, escrivão Silva Pereira.

Porto.—Caetano dos Sastos e mulher com a fazenda nacional; juiz Cerqueira, escrivão Cabral.

Villa Real.—Luiza de Novaes com D. Josepha Carolina Cabral Teixeira de Moraes e marido; juiz casado, escrivão Sarmento.

Aggravos

Santo Thyrsó.—O ministerio publico com o juiz de direito; juiz Seabra escrivão Cabral.

Villa Nova da Cerveira.—O ministerio publico com o juiz de direito; juiz Lima, escrivão Sarmento.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios do reino

Direcção geral de administração politica

2.ª Repartição

Não estando determinado nas leis e decretos em vigor o tempo que deve durar o luto por fallecimento das pessoas reaes, segundo a sua categoria e grau de parentesco com o soberano, porquanto a pragmatica de 24 de maio de 1749, ultima lei sobre este assumpto, e na maior parte revogada pelos principios estabelecidos na carta constitucional da monarchia, apenas se limita a fixar o maximo do luto que se deve tomar pelos principes sem aquellas indispensaveis distincções; e sendo não só de conveniencia geral, mas de manifesta necessidade para as classes industriaes e commerciaes regular permanentemente e conforme as praticas seguidas em outros paizes a referida demonstração de sentimento, tanto pela morte dos principes d'este reino, como pela dos soberanos e principes das nações amigas: hei por bem, conformando-me com o parecer do ajudante do procurador geral da corôa, junto do ministerio do reino, decretar o seguinte:

Artigo 1.º O luto, por fallecimento das pessoas reaes de Portugal e dos soberanos e principes estrangeiros, terá logar, e durará;

pontanea no povo portuguez, que eu, sob o influxo talvez destas propenções instinctivas, sentia com repugnancia de me manifestar menos instruido ou mal educado nos preceitos do codigo de acatamento internacional. No entretanto, para me enganhar aos urbanos costumes nacionaes, tinha, seguindo ia percebendo, de desenvolver um tracto, que não estava á altura da dignidade de meus interlocutores.

Sem sabermos respeitar conveniencias, que poucos deixam de guardar em casa alheia, iam promovendo e incitando uma conversação odiosa, que sempre conduzia no sentido desusado de deprimir a nossa patria com a exaltação da sua! Por isso entendi, que deixar-me supplantar em pendencia tão desigual seria condemnar-me a uma humilhação indecorosa, incompativel com o nosso orgulho.

Figurei por capricho de phantasia naquelles dois hespanhoes a imagem dos velhos odios de Castella — a irritação d'um vencido em desabafos impotentes; e convenci-me, de que por dignidade nacional (!) lhes devia contrapor a maior altivez d'um vencedor!

Ao meu lado ia tambem um portuguez, ou antes um anglo-luso, que não era nada menos que aquelle estudante de bom gosto, que foi a essa cidade rehabilitar creditos litterarios, que uma reprovação em instrução primaria em Coimbra

1.º Pelo imperante d'este reino — trez mezes.

No caso de que o imperante seja casado, por fallecimento do seu real consorte, o luto durará dois mezes.

2.º Pelos paes ou avós, ou bisavós do soberano — dois mezes.

3.º Pelos infantes ou infantas, seus filhos, o por seus netos ou bisnetos — trinta dias.

4.º Por seu sogro ou sogra, genro ou nora, irmão ou irmã, cunhado ou cunhada — trinta dias.

5.º Por seus tios, sobrinhos e primos coirmãos — vinte dias.

6.º Pelos demais principes ou princezas da casa real — oito dias.

7.º Pelos soberanos estrangeiros, sendo parentes — trinta dias.

8.º Pelos soberanos estrangeiros, não parentes — vinte dias.

9.º Pelos filhos dos soberanos estrangeiros, e pelos principes hereditarios — dez dias.

10.º Pelos irmãos e irmãs dos soberanos estrangeiros — quatro dias.

Art. 2.º O luto estabelecido em todas as diversas provisões do artigo 1.º será pesado na metade do prazo, e alliviado na outra metade.

Art. 3.º Só é geral o luto pela morte do imperante, e do seu real consorte.

§ unico: O luto, que nos termos do presente decreto, for tomado em qualquer das outras circumstancias n'elle previstas, será restricto á familia real, á corte, e aos creados da casa real.

O presidente do conselho, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, e o ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenham entendido e façam executar. Paço da Ajuda, em 25 de outubro de 1862. =REI = Duque de Loulé = Anselmo José Braamcamp.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Cucujães 20 d'outubro de 1862.

Agradeço sobremaneira a promptidão, com que v. s.ª fez publicar em o numero 134 do seu bem redigido jornal a correspondencia de 6 do corrente mez, que neste mesmo dia lhe dirigi por intermedio de um particular amigo meu, e que tinha por fim principal modificar a inexactidão d'algumas proposições, que v. exarou em um artigo inserto em o numero 131 da sua folha, attinente a mostrar as conveniencias e inconveniencias inherentes a cada um dos traçados da estrada, que deve ligar Ovar a Oliveira d'Azemeis para por fim se pronunciar, com preferencia, pelo traçado do sul.

Em o numero 134 encontrei igualmente um outro artigo, como em resposta á minha citada correspondencia, que v. julgo adequado; accito-o com prazer, pelas delicadas expressões e maneiras, com que se dignou tratar-me, e de que, em verdade, me não posso considerar justo creder.

É todavia do meu dever fazer sentir a v., que a interpretação, que deu á primeira parte da minha correspondencia, não está em harmonia com as ideias, que ali expendi, nem com o fim que tive em vista.

Julgo v. injustamente, que, quando eu dirigi a minha correspondencia ás inicias A. P., admirei que um artigo viesse assignado por tal forma e que d'isso pretendi fazer espirito de questão, dimanado d'aqui a razão porque v. diz expressa e assadadamente—que pareço pouco intendido em cousas de imprensa—Concordo no juizo que v. faz de mim, e confesso, que nunca pertenci a gremio algum de imprensa, mas que, quando fiz allusão ás inicias A. P., dirigindo-lhe a minha correspondencia, ignorava completamente que ellas representavam o digno redactor; porque do contrario dirigi-me-lhe sem referencia ás mesmas: entretanto parece-me que quer em um, quer em outro caso, não proviria o menor desconsideramento ou desaire para a imprensa (pelo menos não tive tal intenção): apesar, porém, de me co-

lhe tinha contestado, e a quem, parece, que fizeram ali uma traição, que muito o desgostou! O nome não lho vim eu a saber, mas bem podia este senhor fortificar a resistencia áquella invasão estrangeira! Não o vi, porém, muito propenso a advogar a causa nacional; o que não admiro, por que elle tinha mais costellas de beef, que de lusitano.

Estava eu só pois pela parte do velho Portugal, insultado na sua propria casa, agredido no seu mais legitimo territorio! Bem sentia eu, apesar de quanto a vaidade nacional possa dizer em seus epigrammas da nullidade daquella gente, a minha impotencia para sustentar antigas tradições, ratificar solemnemente na cara dos meus antagonistas o vigor lusitano já provado nas correções de Aljubarrota, Montes Claros... e tantas outras!

Postas de parte todas as contempções, já quebradas por elles primeiro, dei logo caminho ás minhas insolencias e dichotes epigrammaticos, e a suas rasões mais serias de depressão nossa respondia eu com manifesta vantagem; lançando-lhes em rosto tantos titulos de atrazo hespanhol; e, se bem que sentia cocegas de pôr em campo, e de lhes atirar ao rosto certa ordem reservada de argumentos mais solidos, incisivos e terminantes, fui-me contentando, com o que as circumstancias consentiam. Z. L. (Continua.)

nhacer insciente em cou-as d'imprensa, não ignoro, que o seu redactor collaborador ou escriptor effectivo pode, segundo melhor lhe aprouuer, deixar d'assignar ou assignar os seus escriptos quer por extenso, quer por abreviatura: pois que sei, que a responsabilidade recai sobre a entidade redacção e o que succede com o proprio responsavel, tem applicação a qualquer correspondente, cujos escriptos por assignar ou anonymos sejam publicados pela imprensa.

Pelas razões, que tenho adduzido, já vê v. que a interpretação, que deu á primeira parte do meu escripto, é demasiadamente injusta. Ao resto do seu artigo responderia facilmente, se me quizesse embrenhar em uma sciencia difficil e no qual não tenho competencia, como na minha correspondencia anterior disse, declarando expressa e intelligivelmente que não emittia juizo sem exame e competencia e até lhe citei uma sentença assaz judiciosa distincto Vieira: limitei-me, pois, do nosso unicamente á elucidação d'algumas ideias, expendidas no seu escripto, que julguei incompletas e obscuras ou pelo menos em opposição a outras que a todos parecem mais exactas.

Persistindo na ausencia do meu parecer em tal questão, direi a v. 1.º que a planta topographica, que diz ter á vista ou não está exacta, ou não comprehende de certo os dois traçados, norte e sul, nos pontos mais importantes da referida estrada (passagem de rio Ul), aliás não se diria, que ambos não apresentam eguaes difficuldades; pois que o traçado do sul tem de galgar ou transpor o rio Ul por terrenos elevadissimos para entrar em Oliveira d'Azeméis, em quanto que o traçado do norte na passagem do mesmo rio Ul (povoação do Feirral na freguezia de Cuenfies) apenas obriga uma pequena ponte, segundo dizem; pouco dispendiosa, dirigindo-se immediatamente a entroncar na estrada real na povoação de S. Thyago, denominada a Pereira; 2.º que baseada não em estudo proprio, mas na auctoridade e juizo dos outros, como a v. por certo succede, o traçado do norte, alguma cousa mais extenso que o do sul, é de mais facil e economica construção; 3.º que as freguezias cortadas pelo traçado do norte e suas limitophes são muito mais importantes e populosas; 4.º que a importancia industrial e economica é muito maior nas povoações no traçado do norte e suas confinantes: por isso que as classes productivas commercial, industrial e mercenaria, que sempre fazem a riqueza d'um concelho, districto ou nação alli abundam em grande copia.

Pretende v. informações mais exactas e baseadas em statistica, que lhe mostre á evidencia a superioridade d'utilidade e razões, que militam a favor da adopção do traçado do norte? não tenho duvida alguma em me dar ao difficil trabalho de lh'as apresentar, se v. tanto julgar preciso para poder dar juizo seguro sobre tal questão.

A. F. B.

EXTERIOR

Das folhas estrangeiras do correio de hontem extractamos as seguintes telegrammas:

Turin 20.—Os jornaes, apreciando com calma, a modificação ministerial de França, pensam que a determinação do imperador é uma resposta aos «meetings» d'Inglaterra.

Berlin 20.—Diz-se que a camara se abrirá em dezembro. M. Bismark apresentará o orçamento de 1862 com modificações.

Francfort 20.—A declaração feita na sessão da commissão de fazenda do dia 17 sobre os negocios da Hungria produziu uma grande sensação em Vienna por manifestar-se que o governo está n'ella completamente conforme, e determinado a manter intacta a constituição de fevereiro.

Turin 20.—Garibaldi continúa mal. Crê-se muito proxima a convocação do parlamento.

Confirma-se a evasão do bispo Cenatiempo.

Londres 21.—Na semana proxima deliberará o conselho de ministros acerca da questão americana.

Pariz 21.—Correu hoje na Bolsa o boato de ter morrido Garibaldi.

O conselho d'estado reuniu-se hoje sob a presidencia de M. Baroche.

Turin 21.—O novo ministro de França n'esta capital é esperado com viva impaciencia.

A saude de Garibaldi peiora sempre; os medicos na sua consulta de hoje, opinaram que a amputação se torna indispensavel.

Espera-se d'um momento a outro ver publicadas na «Gazeta Official» grandes modificações destinadas a consolidar o ministerio.

E' positivo que o parlamento será convocado para o dia 17 de novembro.

Turin 22.—Não é certo que La Farina deve entrar cedo no ministerio.

Roma 21.—O papa foi aclamado no seu regresso a esta capital.

O general Montebello renunciou exigir novos quartéis.

Berlin 21.—Dizem varios jornaes que Bismark deve sair hoje para Pariz. A «Gazeta da Cruz» assegura que só sahirá para o fim da semana.

Turin 21.—Acerca da circular de Dronyn de Lhuys, diz a «Gazeta de Turin» que a politica traçada pelo imperador na sua carta de maio não mudou. A «Gazeta» recorda as passagens desta carta favoraveis á Italia.

A Italia pensa que o imperador não quer fechar aos italianos o caminho de Roma, mas que

procura ganhar tempo para levar a cabo algum projecto.

A saude de Garibaldi inspira viva inquietação.

Pariz 22.—Diz hoje o «France» que M. Sarrignes sahirá para Roma em principios de novembro.

O novo ministros dos negocios estrangeiros, M. Dronyn de Lhuys, teve uma larga conferencia com o nuncio de S. Santidade, e fazem-se acerca d'ella diferentes commentarios.

Londres 22.—Nova York 11.—Cerca de Persyville, no Kentucky, teve lugar uma renhida batalha, em que houve perdas consideraveis d'uma e outra parte, sem que se saiba ao certo quem levou a melhor parte. Os federaes attribuem-se a victoria, e contudo confessam ter perdido 2:000 homens, entre elles grande numero de officiaes e alguns chefes de alta graduacão.

Um grosso corpo de cavallaria do exercito confederado entrou na Pensylvania, e apoderou-se da povoação de Chamberburgo.

Temem-se novos encontros de um momento a outro.

Pariz 22.—Hoje teve lugar no palacio de Saint Cloud um longo conselho de ministros, sob a presidencia do imperador.

Genova 22.—Continua a ser assustador o estado de Garibaldi; as ultimas noticias apresentam-no muito grave.

Berlin 22.—Torna a fallar-se de uma entrevista muito proxima do imperador Napoleão com rei o Guilherme da Prussia.

Pariz 23. Adiarão-se todas as negociações sobre a solução da questão romana até que saíha para Roma o novo embaixador M. de Latour de Auvergne.

Turin 23.—Garibaldi, um tanto melhor foi mudado para um hotel de Spezzia. Os jornaes manifestam por elle serios receios.

A situação do ministerio é muito grave, e receiam-se manifestações serias.

Turin 22.—O «Espero» declara-se auctorisado a desmentir o boato da entrada de Farina no gabinete.

A «Discussão» diz que o rei receberá amanhã a deputação encarregada de apresentar o presente de nupcias que os romanos enviam á rainha de Portugal.

Florença 22.—Desmente-se a noticia de que Antonelli tencionava renunciar ás suas funções de cardeal secretario de Estado.

Marselha 22.—Dizem de Roma, com data de 18, que o Papa voltou á capital no meio das aclamações publicas. O general Girardon parte para França. Montebello já não exige novos locais para as tropas.

O bispo Cenatiempo evadiu-se da prisão dentro de uma canastra. O carcereiro, preso, confessou a sua cumplicidade. Assegura-se que Cenatiempo não pôde refugiar-se nos navios inglezes da bahia e que está em Napoles.

Procedeu-se a uma visita domiciliar na redacção do jornal liberal «Il Nomade».

Pariz 22.—O imperador recebeu hoje em Saint-Cloud o vice-almirante Rexe, que chega do Mexico.

Bismark estará em Pariz para principios da semana proxima.

O conselho de ministros, presidido pelo rei em Turin, resolveu convocar o parlamento. Esta decisão apparecerá depois de amanhã na «Gazeta Official» citando-o para 15 de novembro.

NOTICIARIO

Caminhos de ferro.—Continuam os trabalhos em Esgueira, e no aterro das Agradas, no Cojo. Em Esgueira estão já fixados seis tubos, um dos quaes tem vinte metros abaixo da superficie do solo, e ao lado dos tubos começam a parafusar-se as primeiras peças da ponte. No Cojo, alem do trabalho do aterro, estão-se preparando os simplices para o ultimo viaducto.

Em ambos os lugares trabalha bastante gente, no entretanto o resultado é pequeno se attendermos á grandeza e extensão da obra. Parece-nos que ainda não estarão concluidos tanto o aterro da Agra, como a ponte de Esgueira, dentro d'alguns mezes.

A ansiedade em que o publico está de gozar deste grande melhoramento faz com que ache lento o progresso dos trabalhos, e se façam sempre calculos impacientes de quando principiará a gosar-os.

Segundo ouvimos, da estação de Estarreja á das Devezas brevemente se dará o caminho á exploração, e até já alguém nos disse que estava para esse fim designado o dia 9 do proximo novembro.

Não acreditamos nesta proximidade, porque apesar da companhia constructora ser pouco dada a fazer o publico sciente do progresso dos seus trabalhos, não poderia deixar de ter annunciado já a abertura do caminho, se ella tivesse logar tão proximo.

Todavia affirmam-nos que tudo está preparado tanto em Estarreja como nas Devezas, e é de crer pelo tempo que ali se trabalha para abrir o caminho á exploração, que não tardaremos a poder noticiar definitivamente a sua abertura.

A Torreira.—Aproxima-se o biverno, e á sua prospectiva severa começa a desertar esta população fluctuante, que todos os annos vai procurar ás margens do oceano o remedio mirifico de enfermidades desconhecidas e mysteriosas. D'aqui a pouco, até as ondas lambem da praia os milhares de hieroglificos, ali rescriptos periodicamente, e que attestam os momentos

de prazer, que o coração de muitos memorará depois com enternecida saudade.

A Torreira, celebre já nos fastos jornalisticos por immorredouros monumentos do genio, é, a nosso ver, a que conserva ainda maior numero de habitantes. Ali se encontram ainda muitas destas avesinhas, de formosa plumagem, que o estio affugenta da ardentia dos bosques para a frescura das praias — e que Deus sabe se, feridas por travesso caçador, poderão já agora desferir vôo alteroso para o patrio ninho!

Por em quanto podemos dar testemunho que se vive bem na Torreira, principalmente de noite. De dia, as bellezas occultam-se para deixarem gosar a natureza *sem véo*; ou quando muito mostram-se como as Náyades sahindo do banho, o que, prescindindo de figuras, é sempre, em prosa, de effecto desconsolidador.

Mas á noite ha o *palheiro*. Sabem o que é o *palheiro*? E' onde se reúne a flor da sociedade da Torreira, é onde se ama, onde se ostentam todos os esmaltes e todas as garridices d'uma mocidade inquieta e folgazã. Chamar-lhe-hiamos eden, se não receiassemos ser apodados pela altura da hyperbole, em relação ás modestissimas formas do recinto. Todavia ha ali anjos, que encantam, virgens nomeadas como a esposa dos cantares, trajadas de branco e d'azul como ella, formosuras do ceu, olhos languidos que promettem mundos de felicidade e d'amor!... Mas não ha cores celestias, porque não consta que os anjos desafinem!...

Não temos já olhos nem espirito para entrar, como adoradores reverentes, nestes santuarios de poesia. Posemos, ou obrigaram-nos a por de parte esses fervidos enthusiasmos com que em outras eras, não longe, nos deixavamos elevar em mysticos arrobamentos. Quando muito, o nosso espirito permite-se agora a liberdade de brincar um pouco nos campos ridentes da phantasia. Não importa. Não invejamos aos outros a sua felicidade, as suas ilusões, os seus prazeres, e apreciamos, pelo passado, o que elles sentem agora. Desejamos-lhes do coração extenso horizonte, tardias desillusões, e o mais remoto termo desses encantos que a Torreira está prodigalizando neste momento, e de que tantos hão de conservar por muito tempo memoria saudosa, como nós a conservamos de finezas que ali recebemos.

O funeral de uma virgem.—Lê-se na «Revolução de Setembro»: Lisboa foi antes de hontem theatro de uma dessas scenas repassadas de uncção celeste e religiosa que commovem até os mais indifferentes.

Foi o prestito funebre da ex.ª sr.ª D. Maria Amelia de Magalhães Bastos, filha do sr. commendador José Antonio de Magalhães Bastos, e cujos restos foram conduzidos de sua casa da rua de S. Miguel até ao cemiterio dos Prazeres.

A menina Bastos contava apenas 21 annos, e ás virtudes proprias d'uma virgem candida juntava os mais distinctos dotes de formosura e educação. Uuma phlytica pulmonar a arrebatou aos braços de seu carinhoso pae.

Era mister que tam candido anjo fosse acompanhado até ás portas do céo pelos anjos que a caridade ampara. E assim foi.

Por determinação do angustiado pae, aquelle formoso corpo foi envolto em vestes virginaes, encerrada n'um caixão forrado de setim branco agalado de ouro e com uma cruz de setim azul. Pobres do asylo de Mendicidade transportaram á mão o feretro, a cujas argolas iam presas seis fitas de setim branco, que eram seguras nas extremidades por seis meninas dos asylos de Santa Catharina e S. João.

Em seguida ad feretro iam mais quatro asy-ladas destes dois estabelecimentos de caridade com outras tantas cordas de perpetuas.

Em frente d'elle caminhavam todas as criancinhas dos dois asylos que, compenetradas da tristeza de tam doloroso acto, caminhavam lentamente, guardando o mais religioso silencio e seriedade.

Quando o corpo desceu ao tumulo, as pobres meninas choravam instinctivamente como saudosas d'aquella virgem, que ia do Céo começar a protegê-las, e impetrar ao Omnipotente o amparo para tam sympathicas filhas do infortunio. E os votos das virgens são ouvidos.

Logo ao findar tam pungente cerimonia as saudades desfolhadas pelas pobresinhas sobre o sepulchro da virgem se converteram para ellas em benéficos.

O sr. Bastos esmolou cada uma d'aquellas derradeiras amigas de sua malograda filha com a quantia de 25000 réis, um lenço e as tochas que ellas conduziam.

E sabemos que s. ex.ª tam enternecido ficou com as sinceras lagrimas de todas as infelizes, e com especialidade de duas do asylo de S. João, que ha de proteger a sua sorte na terra.

Na proxima segunda feira vão as vinte meninas do asylo de S. João ouvir na igreja da Lapa uma missa resada por intercessão da candida virgem, que hoje está no empyrio entre os anjos da eterna mansão.

Estatua.—Alguns milandezes mandaram ao lord John Russell uma estatua feita por Carlos Romano, em testemunho de reconhecimento pelos esforços feitos a favor da Italia. Eis a resposta do lord John Russell:

«Ministerio dos negocios estrangeiros em 1.º de outubro.

«Senhores.—E' com o sentimento de um profundo reconhecimento que aceito o presente que me haveis feito de uma estatua, obra do excellentesculptor Carlos Romano, e que representa a convicção da Italia unida.

Tenho sempre estado convencido de que a Italia é o melhor juiz do modo mais convenien-

te para assegurar a sua tranquillidade, a sua fortuna e a sua independencia.

«O unico merito, que tenho tido, de accordo com os meus collegas no governo, é ter com tanta e francamente expressado, e com bom effecto, a opinião que tinha de que se não devia intervir na pesada empreza da Italia, para gloria dos seus filhos.

Foi uma grande fortuna para ella que no começo da guerra tivesse tido o auxilio dos poderosos exercitos do imperador dos francezes.

A sua coragem, a sua moderação e paciencia, conduziram-na ao progresso, e estou convencido de que a sua consciencia ha de completar o edificio, de que o genio do seu povo assentou solidos fundamentos.

Agradeço meu amigo, mr. Arthur, Kinnaird, haverdes sido o fiel interprete dos seus sentimentos a respeito da independencia da Italia.»

Russell.

Isthmo de suéz.—Dentro n'um anno o mar Vermelho e o Mediterraneo confundirão suas aguas. Assim o assegurou mr. de Lesseps, quando ha poucos dias passou por Turin indo para o Egypto, onde vae activar o mais possivel os trabalhos d'aquella grande obra.

Está ainda em pé a barreira mais formidavel, a que chama m o *Sinel*, mas mr. de Lesseps vae oppor-lhe os esforços de 40:000 homens, e no fim de um anno não restará della vestigios.

O vice-rei do Egypto, Said-bachá, favorece, quanto possivel, os trabalhos, convencido de que a abertura do Isthmo vae dar ao Egypto grande importancia.

Dentro em poucos annos a navegação do mundo haverá tomado uma nova face.

Monomania incendiaria.—Os jornaes de Vienna (Austria) contam um facto monstruoso de monomania incendiaria, que merece serio estudo.

Ha tres mezes frequentes incendios lançavam o terror e a desolacão n'um districto da Gallitzia, sem que se podesse descobrir o auctor.

Era um rapazito de 9 annos, que foi surpreendido e preso na sua decima empreza incendiaria.

No inquerito confessou que a certas horas do dia sentia uma tal vontade de incendiar, que o coração lhe ardia em quanto não realisava o seu desejo.

Foi em um d'estes accessos que a 16 de junho tentou por tres vezes, mas sem resultado, pegar fogo á casa de seu padrao, o que conseguiu no dia seguinte.

Trinta e seis casas e uma synagoga foram preza das chamas.

No 1.º de julho pegou fogo a uma escola de meninas e o incendio devorou 27 casas.

A 8 de julho pegou fogo a uma casa, que, felizmente, foi extinto.

A 3 d'agosto aos restos de madeira e á palha, que achou no meio das ruinas de um dos seus anteriores incendios.

A 4 d'agosto incendiou uma casa e a 5 foi preso no momento, que pegava fogo a outra.

Mania singular.—Lê-se no «Journal do Havre»:

«Ha no mundo singulares manias. Contavam-nos a de um homem, habitante de uma das pequenas communas do departamento de Sarthe (França), que não tem igual no mundo.

Este homem de 25 annos d'idade, bom operario tinha adquirido um certo bem-estar, quando repentinamente foi atacado de uma monomania que consiste em acreditar que está destinado a viver 900 annos, como Mathusalem.

Quando esta louca ideia se apoderou d'elle, reacoinou que, devendo viver 9 seculos, se passasse os primeiros 5 a accumular, teria nos quatro ultimos uma existencia livre de cuidados. Porrem para isto era preciso viver com pouco.

Elle fez mais e resolveu o problema difficil de viver sem gastar.

Para isto deixou de se vestir, e alimenta-se unicamente com todas as qualidades de residuos, e conseguiu habituar o seu estomago aos alimentos de toda a especie.

Este homem é muito honrado e dotado de uma notavel intelligencia, á parte a sua monomania.

Assassinato.—No dia 28 do corrente, pela uma hora da tarde, junto ao lugar de Esgueira, foi morto Antonio Gomes Faria, deste mesmo lugar, por Luiz Mendes da Rocha, da freguezia da Oliveirinha.

A causa que motivou tão horroso crime, dizem-nos fôra uma tapagem que o assassino fizera em um caminho que dava serventia para uma propriedade do assassinado; este pediu conselho sobre o que devia fazer, e disseram-lhe que leveasse ao sitio o dono que foi da mesma propriedade para elle dizer se sim ou não existiu sempre aquelle caminho, dando a impedida serventia, e no caso de lhe dizer que sim, a deixasse abaixo. Assim fez o infeliz, e pedindo ao antigo possuidor da propriedade que fosse lá; este ás 9 horas da manhã do mesmo dia 28 foi ao sitio e disse-lhe, que sempre aquelle caminho dera serventia para a propriedade, equo nunca fôra disputada, e que devia lançar abaixo a tapagem. Assim o fez, e veio depois para sua casa.

Pouco tempo depois sahiu, ou para essa mesma propriedade, ou para outra, e quando voltava acompanhado com outro homem, e chegado perto do lugar de Esgueira appareceu o assassino com uma espingarda de dois canos, e ou porque apparecesse de improviso, ou porque viesse em sentido opposto, chegou-se tanto a Antonio Gomes de Faria, que lhe metten a bocca dos dois canos da arma entre o colco e a camisa e desfechou um tiro, com o qual Faria cahiu: o

companheiro tentou gritar, o malvado virando-se para elle disse-lhe, apontando para o outro canno que ainda estava carregado, «qui está outro para você se gritar.» O companheiro do infeliz Lima aterrado com tanta malvadez e com a ameaça ficou silencioso, e o ferido exclamou então «Ah ladrão que me mataste.» O malvado ouvindo isto virou-se e disse «ainda pias, pois ali vai outro», e desfechou o segundo tiro em um ouvido do desgraçado.

O assassino depois de tão brutal barbaridade, e a poucos passos do delicto, encontrou duas mulheres ás quaes se dirigiu e disse: «para aquelle foi esta (apontando para a espingarda), e para vocês se gritarem tenho neste bolso com que as mande para o outro mundo:» mas não se lhe viram pistollas.

O infeliz Lima ainda pediu que o conduzissem á botica do sr. João Antonio Dias para ali ser curado, e effectivamente foi conduzido ali, onde declarou o nome do matador; foi unguido, e até nos asseverar que fizera algumas disposições temporaes, fallecendo pouco depois.

Logo que um tal facto constou nesta cidade, as autoridades judicias com dois facultativos foram fazer o exame de corpo delicto.

Consta nos mais, que alem da declaração do morto, que foi ouvida por bastantes pessoas, ha trez testemunhas de vista. A justiça prosegue.

Parece-nos, (e nem por isto poderemos ser taxados de mal dizes,) que se houvesse boa policia nesta cidade, já o assassino deveria estar preso, pois nos consta, que fôra visto no dia seguinte ao do crime entrar em uma loja a comprar cigarros!! Isto não seria assim; mas em todo o caso desejamos ver inergia na policia administrativa, por que talvez o malvado ainda não esteja para muito longe.

Se o dinheiro da policia secreta não serve para casos desta ordem, para que servirá em uma terra como Aveiro?

Furto.—Ante-hontem desapareceu de casa de um cavalheiro desta cidade um criado, ainda novo, levando-lhe alguns objectos roubados. Antes d'isso fôra a uma loja da rua dos Mercadores buscar, em nome de seu amo, um chale-manta, de quadradinhos branco e preto, que tambem levou consigo.

Entre os objectos roubados parece que avulta um alfinete d'ouro e umas pulseiras de prata.

A policia foi prevenida, e era bom que lanchasse mão da criança, que revella apreciaveis qualidades. Consta que fôra para o Porto.

Outro.—Na feira da Palhaça do dia 29, roubaram de dentro da barraca a um negociante de pannos uma peça de burlina. Não pôde suspeitar-se do ladrão, porque foi destramente surripada, em quanto, provavelmente, o negociante tinha a attenção distraída com os compradores.

Caminho de ferro.—Empregaram-se por dia nas diferentes obras da linha ferrea da 2.ª divisão de Coimbra ao Porto, na semana finda em 11 do corrente, os seguintes operarios: 5781 homens, 5298 mulheres e rapazes, 302 carros, 18 cavallos e 75 wagons.

Na semana finda em 18, empregaram-se os seguintes: 6639 homens, 5780 mulheres e rapazes, 333 carros, 18 cavallos e 68 wagons.

E na semana finda em 25, empregaram-se 6380 homens, 5418 mulheres e rapazes, 344 carros, 18 cavallos e 71 wagons.

Transferencia.—Consta-nos que o governador civil d'este districto, o sr. Basilio Cabral, recebera aviso da sua transferencia. Diziasse hoje que s. exc.ª entregava amanhã o governo civil ao sr. secretario geral.

Concurso.—Acha-se a concurso por 60 dias, a contar de 28 do corrente, perante o commissario dos estudos deste districto, a cadeira de instrucção primaria do sexo masculino de Corte-gaça, concelho da Feira.

CORREIO

LISBOA 29 DE OUTUBRO

(Do nosso correspondente.)

A questão do dia é a da Alfandega Grande de Lisboa. Acha-se suspenso o seu director, Antonio dos Santos Monteiro, e estão apontados com o ordenado por inteiro os verificadores José Maria da Silva Freire, e Francisco de Paula Santhago, e o porteiro da porta de terra, Antonio Placido d'Azevedo.

O ministro da fazenda achou fundamento bastante para estes actos, ficando a aposentação dos tres empregados dependente da approvação das cortes, mas não teve provas, com as quaes podesse mandar instaurar um acção criminal contra os mesmos funcionarios.

Todos em Lisboa o'logiam o ministro. Aquella casa fiscal estava necessitando de uma reforma no seu pessoal; creio que muitos ministros da fazenda haviam conhecido a necessidade dessa reforma, mas não tiveram coragem para a fazer. Os individuos que acabam de ser desligados da Alfandega Grande de Lisboa achavam-se em posições elevadas e relacionados com as pessoas mais importantes deste paiz, e o porteiro era um historico exaltado; digo que era, porque naturalmente o acto do sr. Lobo d'Avila operou no seu espirito uma completa transformação de principios politicos. Já se vê que era indispensavel energia para esta mudança de pessoal; honra seja feita ao nobre ministro que soube attender unicamente á conveniencia do serviço e á moralidade, esquecendo quaesquer considerações que podessem influir no animo dos seus antecessores no ministerio da fazenda.

Diz-se que a reforma do pessoal naquella casa fiscal não para aqui; ouvi até que já ha uma relação de 24 empregados de grande e pe-

quena cathogoria, os quaes hão de ser suspensos, jubilados ou demittidos.

Parece que a alfandega rendia por anno menos cem ou duzentos contos de réis do que devia render.

De noticias politicas posso apenas dizer aos meus leitores que as camaras não serão addiadas, que os ministros tem apressado alguns trabalhos que devem ser apresentados ao parlamento, que o orçamento geral do estado já está na imprensa nacional; que nada se diz de reconstrução ministerial; que parece ainda não estar feita a escolha definitiva dos cavalheiros que hão de entrar na camara alta; e que nas ultimas eleições supplementares sahiram deputados Antonio Abilio Gomes da Costa por Penacova, Manoel Alves de Rio por Evora, e José Maria Latino Coelho por Lisboa, todos candidatos governamentais.

—O sr. José Estevão esteve antes de hontem muito doente, e felizmente acha-se um pouco aliviado do seu soffrimento. Foi atacado de uma febre fortissima que chegou a dar muitos cuidados ao seus amigos. Faço os mais sinceros votos pelo prompto restabelecimento deste meu bom amigo.

—Chegou hontem a Lisboa o principe Humberto com a sua comitiva. O ministerio foi esperar S. A. á estação do caminho de ferro em Santa Apollonia. O principe dirigiu-se logo ao paço d'Ajuda onde ficou.

—A' manhã (quinta-feira) deve verificar-se na escola polytechnica a distribuição solemne dos premios aos alumnos da mesma escola que se distinguiram no anno lectivo findo. El-Rei o sr. D. Luiz assistirá a este acto.

—Constituiu-se o gremio dos escriptores para a distribuição do respectivo imposto, ficaram: presidente, Antonio Feliciano de Castilho; classificadores Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Pedro Wenceslão de Brito Aranha, e Innocencio Francisco da Silva; secretario Eduardo Coelho; e procuradores Balthasar Radich e Antonio Maria Pereira Carrillo.

—A folha official publicou o seguinte decreto, fixando o maximo luto que se deve tomar pelas pessoas reaes.

Art. 1.º O luto por fallecimento das pessoas reaes de Portugal, e dos soberanos e principes estrangeiros terá logar, e durará:

1.º Pelo imperante deste reino — tres mezes.

No caso que o imperante seja casado, por fallecimento do seu real consorte, o luto durará dois mezes.

2.º Pelos paes ou avós, ou bisavós do soberano — dois mezes.

3.º Pelos infantes ou infantas, seus filhos, e por seus netos ou bisnetos — trinta dias.

4.º Por seu sogro ou sogra, genro ou nora, irmão ou irmã, cunhado ou cunhada — trinta dias.

5.º Por seus tios, sobrinhos e primos coirmãos — vinte dias.

6.º Pelos demais principes ou princezas da casareal — oito dias.

7.º Pelos soberanos estrangeiros, sendo parentes — trinta dias.

8.º Pelos soberanos estrangeiros, não parentes — vinte dias.

9.º Pelos filhos dos soberanos estrangeiros, e pelos principes hereditarios — dez dias.

10.º Pelos irmãos e irmãs dos soberanos estrangeiros — quatro dias.

Art. 2.º O luto estabelecido em todas as diversas provisões do artigo 1.º será pesado na metade do prazo, e alliviado na outra metade.

Art. 3.º Só é geral o luto pela morte do imperante, e do seu real consorte.

§ unico. O luto, que nos termos do presente decreto, for tomado em qualquer das outras circumstancias n'elle previstas, será restricto á familia real, á corte, e aos creados da casa real.

—Já regressou de congresso ophthalmologico de Paris o distincto medico José Antonio Marques, bem conhecido pelas suas importantes publicações scientificas.

O nosso compatriota apresentou naquelle congresso um importante trabalho escripto em francez e impresso em Paris sobre ophthalmologia no exercito portuguez.

O congresso foi menos numeroso que o de 1857. Viram-se reunidas ali as maiores notabilidades europeas em ophthalmologia, sendo os allemães em numero de sessenta.

Houve quatro sessões, nas quaes se trataram questões da maior transcendencia.

Terminado o congresso, houve um grande banquete a todos os que se haviam reunido para os trabalhos scientificos, e disseram um adeus para um novo congresso em Vienna em 1866.

—El-Rei determinou que o luto por sua augusta avó, S. A. R. a serenissima princeza de Saxe Cobourg Gotha, seja reduzido a dois mezes, nos termos do decreto de 25 do corrente, ficando assim alterado o annuncio publicado no «Diario de Lisboa» n.º 219 de 27 de setembro ultimo acerca do referido luto.

—Cartas ultimamente recebidas da Horta, capital da ilha do Fayal, e vindas pela corveta americana, dizem-nos que reina grande desolação naquella ilha, por causa de successivos abalos de terra.

A precisão denominada Praia, que é votiva, acudiram mais de 6000 pessoas.

Em fim o estado da ilha é afflictissimo.

As cartas affirmam estes factos, e acrescentam que os tremores são acompanhados de pavorosos estrondos subterraneos.

Havia 19 dias que os tremores se succediam, de modo que muita gente tinha fugido da ilha do

Fayal, deixando paralisados todos os negocios. O povo enfiava-se em preces e procissões de penitencia.

—De Alcacer do Sal escrevem o seguinte ao «Jornal do Commercio»:

No dia 23 do corrente ao meio dia era visto ás grades da cadeia da villa o preso João José Amado Venturinha com um grande golpe no pescoço.

Foi-se juntando povo, e o administrador do concelho tendo conhecimento do facto, accudiu á cadeia e observou o estado do referido preso, e viu outro preso por nome Francisco Graça, hespanhol, custodiado na prisão da Villa a requisição do seu governo, collocado a traz da porta, e com uma navalha na mão, e em acto de arremeter a quem se aproximasse delle.

O administrador do concelho a muito custo conseguiu que o malvado largasse a arma.

Francisco Graça havia dado uma navalhada no pescoço do Venturinha, á traição, e sem que este lhe fizesse a menor provocação.

O povo, que se foi ajuntando, queria invadir a cadeia e matar Francisco Graça. No meio desta scena de tumulto, appareceram cinco filhos do Venturinha clamando que lhes haviam assassinado o pae e que estavam desgraçados.

O Venturinha morreu duas horas depois.

Francisco Graça com outros fôra capturado a requisição das autoridades hespanholas, por furtos commettidos em Badajoz.

O «Portuguez» foi antes de hontem intimado para responder em policia correccional, pela falta da inserção nas suas columnas no tempo marcado na lei de liberdade de imprensa, da carta com que o sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, respondeu ás accusações feitas a s. ex.ª por aquelle jornal. A lei mui positivamente determina que o periodico que não publicar no prazo de tres dias o artigo da pessoa offendida, será punido com multa, devendo esta ser applicada pelo juiz correccional: mas o «Portuguez» que só quer jury, recorreu do despacho do juiz Vasconcellos para a reclamação de Lisboa.

—A folha official publica os decretos de algumas mercês, das quaes já tive occasião de dar conta aos meus leitores em uma das anteriores correspondencias.

—Esta noite ha grande illumination na cidade para festejar o anniversario natalicio de S. M. El-Rei o sr. D. Fernando.

A deputação dos empregados do commercio e industria, que foi cumprimentar El-REI foi composta dos srs. Antonio José Pereira Serzedello Junior, Isidoro Thomaz Moreira Carvalho, Antonio José Freixão Coelho, Carlos Augusto Tiban, Feliciano Eduardo de Bastos, Antonio Joaquim Leite Ribeiro, Eduardo Ayalla dos Prazeres, Sebastião Maria da Silva.

ALCANCE

TELEGRAPHIA ELECTRICA

Os jornaes d'hoje publicam os seguintes telegrammas.

Spezzia 29.—Uma notabilidade cirurgica julga desnecessaria a amputação da perna a Garibaldi e tem como certa a cura.

Novo-York 21.—Os federaes recolhem-se a quartéis de inverno.

Lisboa 30.—O sr. bispo de Beja D. Antonio Trindade de Vasconcellos foi transferido para Lamego.

MOVIMENTO

DA BARRA

Aveiro 26 de outubro

Entradas

ESPOZENDE—Hiate por. Novo Atravido, m. M. Marques, 7 pes. de trip., lastro.

PORTO—Hiate port. Deus Sobretudo, m. J. S. Ré 6 pes. de trip., lastro.

ANNUNCIOS

Pelo cartorio do escrivão Nogueira vai á praça para ser arrematada a quem por ellas mais der, no dia 9 do proximo mez de novembro, perante o dr. juiz de direito d'esta comarca, pelas 10 horas da manhã no tribunal, 2 terças partes d'uma terra lavradia sita no lugar de S. Bernardo, que parte do norte com os herdeiros de José Simões da Joanna, e do sul com José Vieira, pertencente as ditas duas terças partes dos herdeiros de Bento Simões Morena de S. Bernardo; toda a terra foi avaliada ao foro que paga na quantia de 48\$000: ha o consentimento do directo senhorio para a venda da dita terra.

Pelo cartorio do escrivão Nogueira vai á praça para ser arrematada a quem por ella mais der, perante o juiz de direito desta comarca, no dia 9 do proximo mez de novembro, ás 10 horas da manhã, no tribunal, uma morada de casas altas d'um andar, sitas na rua Direita da Vil-

la d'Illhavo, que parte do norte com a travessa do Girás, do sul com Manuel Maria da Rocha, pertencente ao executado ausente Antonio Vicente Soares da mesma villa, cujas casas foram arrendadas por parte fazenda nacional, por divida o dito executado estavê devendo á mesma fazenda, e o andamento findo em 28 d'outubro po anno de 1865.

ATTENÇÃO

Os filhos de Daniel Simões Pachão, da freguezia d'Arada, do concelho desta cidade, annunciam a todas as pessoas que tentem comprar qualquer das propriedades de seu pae,—o não façam, com pena de ficar nulla esta venda, porque elle a não pôde fazer até segunda ordem.

ALMANAK A VEIRENSE

PARA O ANNO DE 1865

POR

José Reynaldo Rangell de Quadros Oudino

Contendo, além do kalendario, — as estatísticas do districto e bispado de Aveiro — mercaderias e feiras em todo este districto, — e muitas outras curiosidades, etc. etc. etc.

PREÇO 120 RS.

Acaba de publicar-se este interessante Almanak, e achá-se á venda nesta cidade, na Rua dos Mercadores, n.º 5, loja; — em casa do encadernador José Maria Saraiva, na Rua Direita, junto á botica; — na morada do auctor, — e nas mais lojas do costume das principaes terras deste reino.

A FREIRA ENTERRADA EM VIDA

ou

O CONVENTO DE S. PLACIDO

Romance historico e original de Garcia Sanchez del Pinar, traduzido livremente do hespanhol por Porphyrrio José Pereira

EDITOR:—JOSÉ MARIA CORRÊA SEABRA

PREÇO DE CADA TOMO 500 RÉIS.

Não apparece desde os «Tres mosqueteiros, Vinte annos depois, Visconde de Bragellone,» romance mais enredado e interessante do que a «Freira enterrada em vida ou o Convento de S. Placido.» Pelo jogo de lances, complicações, movimento, e inexperadas situações da acção, desenvolvida com a maior verdade historica e ao mesmo tempo com todos os recursos de uma prodigiosa emaginção romantica; este romance é considerado como uma das obras mais celebres da litteratura moderna, proprio para aprender uma época.

Os Tres volumes que formam a obra completa, acham-se desde já á venda em Lisboa na Typographia Universal, rua dos Balafates, 110, e em todas as lojas do costume. No Porto em casa do sr. Jacinto A. P. da Silva.—Em Coimbra na do sr. José de Mesquita. e nas principaes terras do reino e ilhas.

Para as localidades onde não haja correspondente, serão remetidos francos de porte a quem enviar a sua importancia por meio de vale do correio ou em estampilhas, ao editor—José Maria Corrêa Seabra—Lisboa.

O comprador que apenas deseje tomo por tomo, goza da liberdade de os comprar á proporção que os fôr querendo.

Quem quizer arrematar a obra d'estuque da igreja de Macenhata do Vouga, no concelho d'Agueda, compareça no adro da mesma no domingo 16 de novembro pelas 10 horas da manhã. As condições estarão patentes na sacristia da respectiva parochia.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.